

O Processo de Integração numa Nova Sociedade: A Percepção de Mulheres Imigrantes nos Açores

Isabel Estrela Rego ¹, Elsa Groulade ², Maria Piedad Camacho ³

imcer@uac.pt

Resumo

O presente trabalho inscreve-se num projecto de investigação mais vasto sobre as percepções e as interpretações que mulheres imigrantes fazem acerca da parcela da sua história pessoal que corresponde à experiência migratória. Analisa-se como consideram que a língua e a cultura do país de acolhimento influenciam o processo de integração no novo país. Focam-se, ainda, outros aspectos percepcionados como problemas ou constrangimentos à sua integração na nova comunidade. Seguindo uma abordagem qualitativa, esta parcela do estudo baseia-se em dados produzidos a partir de entrevistas semi-estruturadas realizadas junto de 25 mulheres de diferentes nacionalidades de África, América e Europa, residentes na ilha de S. Miguel, nos Açores.

1. INTRODUÇÃO

Algumas ideias sobre os processos migratórios na actualidade.

A imigração é um fenómeno social complexo e antigo mas surge como um objecto particularmente relevante num contexto actual de globalização, no qual os intercâmbios de bens e de pessoas, através das fronteiras constantemente redefinidas, criam uma intensificação dos fluxos migratórios. Sabe-se que a configuração dos processos migratórios (i.e. quem emigra, com quem emigra, para onde emigra) tem vindo a sofrer alterações com a passagem do tempo. Sabe-se, também, que essa configuração pode ser orientada quer por factores mais conjunturais, como são, por exemplo, as condições

¹ Prof. Auxiliar - Secção de Psicologia, Departamento de C. Educação, Universidade dos Açores

² Antropóloga Visitante (França) – Programa Eurodisseia, 2008 – Departamento de C. Educação, Universidade dos Açores

³ Socióloga Visitante (Espanha) – Programa Eurodisseia, 2008 – Departamento de C. Educação, Universidade dos Açores

socioeconómicas do país de origem, quer por factores mais centrados nos próprios sujeitos, como são os projectos de vida dos indivíduos ou os planos e decisões familiares. São características dos fluxos migratórios neste começo de século a multiplicidade de origens e destinos bem como a diversidade da sua composição, em termos de raça, de etnia, de nível educacional, de estatuto socioeconómico, e de género.

A 25 de Abril deste ano, um artigo de 1ª página do New York Times (Donadio & Schwartz) chama a atenção para o fenómeno de inversão da imigração que se está a verificar na Europa com a crise económica mundial que se instalou no decurso do último ano. O artigo aponta para a situação de milhares de imigrantes que, privados de trabalho, começam a abandonar os países de acolhimento onde se encontram para regressar aos seus países de origem.

Apesar desta recente viragem, nas últimas décadas um conjunto de factores atraiu fluxos migratórios de África, América do Sul e Europa de Leste para a Europa. Foi o caso das políticas europeias de atribuição de vistos e da dupla nacionalidade, menos restritas do que na América do Norte e particularmente do que nos EUA depois do 11 de Setembro. Terá contribuído ainda, noutro plano, a robustez ou a ascensão das economias dos países da União Europeia (Sanches, 2005). Curiosamente, países com uma considerável história de emigração ao longo do século XX, como são o caso da Irlanda, ou os da Europa do Sul - Itália, Espanha e Portugal -, convertem-se nos novos países de acolhimento. Atenda-se ao dramático caso de milhares de cidadãos de países da África subsariana que, na esperança de conseguirem alcançar uma existência melhor, arriscam a vida em viagens, frequentemente sem retorno e sempre mal sucedidas, na tentativa de entrar na Europa pelo sul de Espanha. Outro exemplo, apontado no acima referido artigo do periódico nova-iorquino, é o caso da capital da Irlanda que, por causa dos seus 190 000 europeus de leste, recebeu a alcunha de Dublinsky.

A par dessa onda de imigração, registou-se uma feminização dos fluxos migratórios, particularmente nalguns países, como foi o caso da Itália em que 75% dos fluxos migratórios legais foram de mulheres. Algumas explicações avançadas (González-González & Zarco, 2008) para este incremento na mobilidade feminina recaem sobre a emancipação das mulheres nas comunidades de origem, a prevalência da ‘feminização da pobreza’ que predispõe este sector das sociedades para a busca de condições de vida

além fronteiras e, ainda, a segmentação do mercado de trabalho e a procura de mulheres para o desempenho de certas profissões (e.g. empregadas domésticas, prestadoras de cuidados ao domicílio, prostituição). Uma investigação financiada pela Comissão Europeia para estudar a imigração feminina em 7 países da Europa, incluindo Portugal, revela que em Portugal “*das autorizações de residência concedidas em 2004 a brasileiros, 15.141 foram-no a mulheres (52,3%) e 13.815 a homens*” (Ref. em Sanches, 2005). Por essa pesquisa se fica igualmente a saber acerca de um conjunto de desafios e problemas que se colocam às mulheres imigrantes em vários domínios da sua vida, como sejam as dificuldades no processo de legalização, os obstáculos no domínio laboral e as novas exigências ao nível da gestão das relações e da prestação de cuidados a familiares.

Apesar do reconhecimento que possa haver de que o lugar da mulher nos fluxos migratório tem vindo a mudar, ainda se sabe pouco sobre o papel desempenhado pelo sexo feminino nesses processos (Assis, 2007; González-González & Zarco, 2008). Por exemplo, mesmo a investigação que se debruçou sobre a imigração brasileira para os Estados Unidos, na década de 90 do século passado (Margolis, 1994; Assis, 1995; & Sales, 1999), não estudou a perspectiva das mulheres. Todavia, na literatura sobre imigração em Portugal, existem algumas referências a estudos sobre imigração e mulheres, imigração e relações de género - 17 referências relativas a artigos científicos, teses, livros e outras publicações, entre 2000 e 2006 - (Machado & Matias, 2006-2007).

Os Açores, onde se registam tendências migratórias idênticas às observadas no sul da Europa, têm sido uma região de Portugal fortemente marcada pela emigração ao longo dos seus seis séculos de história. Somente nos últimos anos do século XX é que os Açores deixaram de ser uma região de emigração apenas para passar a ser também um território apelativo para um número significativo estrangeiros (CES-UA, 2003). A reduzida investigação sobre o recente fenómeno da imigração para o arquipélago de cidadãos oriundos de países europeus, africanos e americanos (Pires, 2003; Rocha e tal., 2004, & Mendes, 2007), carece, também, de uma abordagem que traduza a problemática de género neste segmento da população das ilhas.

Alguns dados de caracterização da população estrangeira residente nos Açores

Apesar de a condição de estrangeiro residente ser mais abrangente do que e incluir outros indivíduos para além dos imigrantes, uma descrição destes residentes nos Açores poderá proporcionar uma melhor compreensão do mosaico etnográfico no arquipélago. Segundo dados do SEF para o ano de 2007, o número de estrangeiros residentes nos Açores é de 4.830 e, entre as condições locais que mais tem contribuído para o aumento da população imigrante residente nos Açores estão a expansão do sector da construção civil a partir dos anos 90, principalmente nas ilhas de São Miguel, Terceira, Faial e Pico.

Entre as nacionalidades mais representativas encontramos em primeiro lugar a brasileira, com 18,59%, seguida da estadunidense com 15,94% (em que a maioria dos indivíduos são açorianos retornados, filhos ou familiares destes ou outros açorianos que emigraram e fixaram a sua residência neste país). A estas seguem-se a Cabo-verdiana (14,28%), a Alemã (9,33%), a Ucraniana (8,05%) e a Canadiana (7,64%). As restantes nacionalidades têm uma expressão muito menor, sempre inferior a 5%.

Quadro I. Classificação das pessoas estrangeiras residentes nos Açores por Regiões de origem

Regiões	%
África	19,56
Cabo-Verde	14,28
América	42,84
Brasil	18,59
Europa	33,7
União Europeia	21,51
Ucrânia	8,05
Resto de Europa	12,21
Outras nacionalidades	3,9

Segundo os dados do Relatório *Imigrantes em Açores* (CES-UA, 2003), a imigração nos Açores é maioritariamente masculina: 79,4% homens e 20,6% mulheres. Embora o sexo masculino seja dominante em quase todas as nacionalidades, os valores mais elevados referem-se aos provenientes de África. Tanto nos africanos como nos ucranianos o peso relativo das mulheres é bastante pequeno, pouco superior a 13%, enquanto nos brasileiros a desigualdade é menor. Somente nos sujeitos provenientes da EU encontramos uma inversão desse padrão.

Quadro II. Imigrantes por sexos, segundo a região de origem:

Região	Mulheres	Homens	Total
África	13,3	86,7	100,0
América			
Brasil	25,7	74,3	100,0
Europa			
Resto da Europa	13,5	86,5	100,0
UE	51,0	49,0	100,0
Outras nacionalidades	42,9	57,1	100,0

Ainda segundo o mesmo relatório, encontramos uma população imigrante predominantemente jovem, sendo que 61,2% tem menos de 34 anos.

Quadro III. Imigrantes por grupos de idades, 2003:

Grupos de Idade	%
Menos de 25 anos	17,7
25 a 34 anos	43,5
35 a 44 anos	21,1
45 a 54 anos	12,5
55 e mais anos	4,7
S/ informação	0,5

2. O estudo sobre mulheres imigrantes em S. Miguel – Açores

O presente trabalho resulta da confluência de interesses dos elementos da equipe na temática do género e na vertente psicológica dos processos migratórios. Pretende-se inscrevê-lo no segmento das ciências sociais e humanas que, nas últimas duas décadas, se interessou pela questão da feminização dos fluxos migratórios e que, especificamente, se propôs dar visibilidade, internacionalmente, às mulheres como protagonistas fundamentais nos processos migratórios.

A noção de integração, central nesta investigação, é aqui usada na sua acepção construtivista, baseando-se nos trabalhos de Herskovits e no conceito de aculturação e na definição proposta por Altay Manco (2006):

«L'intégration est ainsi un processus par lequel les immigrants, comme l'ensemble de la population, participent à la vie sociale: en s'acculturant mutuellement, les migrants et les autochtones acquièrent, perdent, renouvellent, élaborent, interprètent, refusent ou acceptent des éléments culturels divers. Ils prennent part de manière dynamique à la construction d'ensembles identitaires négociés. L'intégration constructiviste est un processus réciproque de confrontation et de transformation socioculturelles.»

A integração é então vista como um processo dinâmico, interactivo e multidimensional mobilizando as dimensões psicológica, sociocultural e económica, determinada, por sua vez, pela permeabilidade da sociedade de acolhimento e pelos projectos dos indivíduos.

Os objectivos gerais da investigação foram: (1) estudar uma realidade muito pouco conhecida nos Açores – a situação de mulheres imigrantes; e (2) conhecer os percursos migratórios percebidos por mulheres imigrantes. Nesse sentido, o estudo centra-se nas percepções e nas interpretações que mulheres imigrantes fazem acerca da parcela da sua história pessoal que corresponde à experiência migratória. Procurou-se identificar os principais factores que influenciam o processo de integração no novo país, reservando-se uma atenção especial ao papel da língua e da cultura do país de acolhimento e da rede de relações interpessoais da mulher imigrante nesse processo. Procurou-se, igualmente, identificar outros aspectos percebidos pelas mulheres imigrantes como sendo problemas ou constrangimentos encontrados no país de acolhimento, por um lado e o conhecimento possuído sobre as estruturas e os recursos de apoio existentes susceptíveis de as ajudar e acompanhar na integração, por outro. Consequentemente, o propósito não foi o de medir o nível de integração das participantes no estudo, mas sim o de compreender a interpretação que fazem da sua interacção com a sociedade de acolhimento.

Método

Tratando-se de um estudo assente numa abordagem essencialmente qualitativa e interpretativa, não estiveram presentes requisitos de representatividade e a selecção das participantes orientou-se segundo um princípio de diversidade relativamente a um conjunto de critérios (*e.g.* idade, nacionalidade, tempo de permanência nos Açores). Subjacente a este procedimento metodológico está a noção de que uma maior heterogeneidade de situações abordadas permite conhecer melhor as diferentes realidades das mulheres imigrantes.

Os primeiros contactos com as pessoas que participaram no estudo realizaram-se através dos dois principais organismos de apoio aos imigrantes (AIPA e CRESASOR) e, posteriormente, desenrolaram-se informalmente através de um circuito de informação pessoa-a-pessoa. As entrevistas tiveram início no último trimestre de 2008, tendo a última sido realizada em no passado mês de Abril. Foram realizadas 25 entrevistas



semi-estruturadas a mulheres com idades compreendidas entre 20 e 59 anos de idade, de várias profissões, com diferentes níveis educacionais, provenientes de 11 países (Angola, Bielorrússia, Brasil, Cabo Verde, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Roménia e Rússia). O tempo de permanência nos Açores variou entre 6 meses e 38 anos. Os dados de caracterização sócio demográfico relativo ao grupo de participantes são apresentados nos quadros seguintes (Quadros IV, V e VI).

Quadro IV. Idade, Estado Civil e N° de Filhos das mulheres imigrantes
N=25

Idade		Estado Civil		N° de filhos	
20-29	8	Solteira	7	Sem filhos	9
30-39	9	Casada	17	1 filho	7
40-49	4	Viúva	1	2 filhos	6
50-59	4			3 filhos	2
				+ de 3 filhos	1

Quadro IV. País de Origem e País de Nacionalidade das mulheres imigrantes
N=25

País de Origem		País de Nacionalidade		Tempo de Permanência nos Açores	
Angola	1	Bielorrússia	1	menos de 1 ano	1
Bielorrússia	2	Brasil	4	1 ano	2
Brasil	10	Cabo Verde	2	2 anos	4
Cabo Verde	2	Canadá	1	3 anos	2
Colômbia	1	Espanha	1	4 anos	2
E.U.A.	1	E.U.A.	1	5 anos	3
França	1	França	1	6 anos	7
Itália	1	Itália	1	9 anos	1
Roménia	3	Portugal	2	14 anos	1
Rússia	1	Roménia	3	33 anos	1
Ucrânia	2	Rússia	1	36 anos	1
		Ucrânia	2		

Quadro IV. Nível Educacional, Profissão, Ocupação e Estabilidade Laboral das mulheres imigrantes

N=25

Educação		Profissão		Ocupação		Estabilidade Laboral	
E. Básico -1º ciclo	1	Contabilista	2	Ajud. Cozinha	1	Trab. Ocasional	8
E. Básico -3º ciclo	3	Costureira	1	Anim. Sociocultural	1	Trab. Regular	3
E. Secundário	9	Cozinheira	1	Cozinheira	1	Trab. Mt reg.	8
E. Superior	12	Dentista	1	Dentista	1	N/ se aplica	6
		Economista	1	Empregada dom. ^a	2		
		Educ ^a . Inf.	1	Estag. /Est.univers.	3		
		Esteticista	2	Esteticista	2		
		Manicura	2	Investigadora	1		
		Massagista	1	Manicura	1		
		Missionária	1	Missionária	1		
		Professora	4	Vendedora	1		
		Socióloga	2	Reformada	1		
		Vendedora	2	Desempregada	4		
		Não tem	3	Doméstica	4		

A maioria das entrevistas decorreu na Universidade dos Açores, algumas realizaram-se nas instalações das associações de apoio aos imigrantes acima referidas e outras no local de trabalho ou na residência das participantes

As entrevistas, com uma duração média de 1 hora, sucederam a assinatura de um termo de consentimento informado e foram gravadas em áudio. A sua condução foi orientada por um 'guião' contendo 50 perguntas organizadas em três partes: Parte I - Situação sócio-demográfica (5 perguntas); Situação socioprofissional (3 perguntas) e Situação familiar (2 perguntas); Parte II – Factores de integração: língua (5 perguntas); cultura do país de acolhimento (6 perguntas); relações interpessoais em geral (6 perguntas); e relações com familiares (3 perguntas); e relações com instituições (3 perguntas); conhecimento dos direitos e das estruturas de apoio (4 perguntas); Parte III - processo migratório (4 perguntas); perdas e ganhos associados ao processo (6 perguntas); necessidades e dificuldades (3 perguntas).

Resultados

Os dados recolhidos e analisados até ao presente permitem identificar algumas tendências e algumas singularidades que serão apresentadas e discutidas nas secções que se seguem. Em foco estarão dados que se referem às dimensões linguística e cultural do processo de integração e, transversalmente a estas dimensões, dados referentes a oportunidades e dificuldades percebidas pelas participantes na investigação.

1. A dimensão linguística

Para todas as pessoas entrevistadas, a proficiência linguística surge como um elemento muito importante no processo de integração, sendo, no entanto, possível distinguir dois grandes grupos, atravessados por diferentes tendências. O primeiro grupo, composto por catorze pessoas lusófonas, considera, na sua maioria, que a língua, apesar de todas as diferenças de sotaque, não constituiu um obstáculo à sua integração e que desde a chegada ao país de acolhimento teve a capacidade de se exprimir e de compreender o que lhes diziam.

«Com certeza a língua é importante mas no meu caso é a mesma língua. Então não há problema.» [C, Brasil].

«Como lá também a gente fala o português na escola, fica fácil. Então pela língua não tive dificuldade cá. O sotaque é diferente mas não tive problema nenhum. O Português, percebo muito bem.» [A, Cabo Verde]

“A língua é a mesma mas o sotaque aqui é meio enrolado.” [J., Brasil]

É de referir que, para além da língua, estas mulheres são originárias de países cuja história está estreitamente ligada à de Portugal, o que subentende um certo conhecimento da cultura portuguesa.

O segundo grupo, constituído por mulheres não lusófonas (11), evidencia duas tendências. A primeira reagrupa as participantes que consideram que a língua não constituiu um obstáculo à sua integração. Entre elas encontram-se dois tipos de situação:

- As pessoas cuja língua materna está próxima do Português (2) (*i.e.* Espanhol e Italiano), que rapidamente atingiram um nível de mestria na nova língua, o que lhes permitiu sentirem-se relativamente à vontade nas suas interacções em

português. Estas mulheres, originárias de países latinos, certamente beneficiam também de uma certa proximidade cultural que lhes facilita a compreensão de códigos sociais e de componentes socioculturais implícitos na língua.

- As pessoas cujo projecto migratório se orientou para um regresso ao país de origem, a curto ou médio prazo (2). Estas mulheres referem não sentirem incómodo com a sua limitada competência na língua portuguesa visto possuírem o conhecimento suficiente para o tipo de exigências que se lhes colocam no contexto social em que se movem.

A segunda tendência a surgir como maioritária (7) é expressa principalmente por mulheres oriundas de países da Europa de Leste e inscreve-se em projectos migratórios que não visam o regresso ao país de origem. Estas mulheres reportam grandes dificuldades à chegada e um forte sentimento de exclusão ligado à impossibilidade de comunicarem eficazmente. Falam de isolamento social, de dificuldade de acesso ao emprego, à informação e às estruturas e recursos de apoio a estrangeiros. Esta situação é percebida como uma experiência extremamente difícil e desvalorizadora por comportar uma grande dependência de terceiros (cônjuge, colegas ou vizinhos). É de referir que a maioria destas pessoas não beneficiou de qualquer apoio institucional relativamente à aprendizagem da língua à chegada a Portugal.

Para este grupo de mulheres a língua é considerada a causa principal das suas dificuldades de acesso ao emprego, problema este que afecta também outras participantes deste grupo que já não têm a barreira da língua. Muitas sentem-se extremamente limitadas e confinadas em empregos que não correspondem nem às suas expectativas nem ao nível, geralmente médio ou médio alto, das qualificações profissionais que possuem e que requerem um bom domínio da língua para o seu desempenho (e.g. medicina, enfermagem, ensino, jornalismo).

«Até agora não consegui atingir um nível de língua que me satisfaça, eu não estou satisfeita, mas depois de 2 anos começo a ficar mais a vontade. Mas eu e o meu marido estudámos na universidade, temos um diploma. Mas até agora a língua é um problema para atingir outros objectivos, para trabalhar na nossa área é mais complicado. Não é um problema para relacionar-se pelas coisas simples mas se queres explicar coisas mais profundo é complicado.» [L, Rússia]

Estas mulheres sublinham alguns sentimentos de frustração ligados à impossibilidade de exprimir com precisão aquilo que pretendem exprimir, como é o caso da incapacidade de compreender certas subtilezas que estão patentes nas trocas verbais e que têm relação estreita com os códigos sociais e com referenciais culturais.

«Por exemplo, eu estou aqui há 3 anos, já percebo muito bem as pessoas, não tenho problema, mas ainda com o código cultural, às vezes não percebo algumas frases que os portugueses dizem muito e que não tem sentido para mim, ou alguma pilhada que não percebo. Mas isso vai com o tempo, mas tenho também muita saudade de não conseguir dizer frases em russo como uso quando falo com Russos mas que não posso traduzir porque ninguém vai perceber, existe também o contrario.» [K, Bielorrússia, 3 anos de estadia]

É compreensível aqui que a questão da distância entre a língua do país de origem e a língua do país de acolhimento tem um papel determinante, papel que é indiscutivelmente reforçado pela distância cultural. Parece pois pertinente, em trabalhos futuros, retomar esta questão das componentes culturais da dimensão linguística e identificar os instrumentos que permitam abordar a vertente implícita na comunicação, a comunicação não verbal, que assume um papel de maior relevo em presença da distância cultural.

2. A dimensão cultural – percepção da cultura do país de acolhimento

A percepção das mulheres imigrantes acerca da cultura do país de acolhimento foi expressa através dos seus relatos sobre: as situações que mais as ‘chocaram’; o significado pessoal de ‘integração’; o sentimento de acolhimento no novo país de residência; o sentimento de ser considerado estrangeiro, e o respeito manifestado no país de acolhimento pela cultura de origem.

O que chocou mais...

Uma diversidade considerável caracterizou as posições das participantes face àquilo que constituiu motivo de surpresa, quer numa aceção positiva quer, mais frequentemente, numa perspectiva de desagrado. Algumas das situações apontadas foram: a pronúncia; a forte religiosidade; o machismo intenso; a extensão da violência doméstica contra mulheres e crianças; a pouca “evolução” da ilha do ponto de vista económico e social; a beleza da natureza; e a qualidade de vida.

Significado pessoal de integração

Quando confrontadas com a necessidade de explicarem o que consideravam ser “estar integrado”, as participantes apontaram um leque de factores que iam desde os aspectos legais e dos direitos associados ao seu novo estatuto até à presença de laços sociais e afinidades com o novo lugar, passando pela predominância com que usavam a nova língua ou a língua materna. No que concerne a “quanto” se sentiam nessa condição, um conjunto relativamente diminuto de mulheres consideraram não estar verdadeiramente integradas (4).

“... Estar integrada é quando pode falar o que você pensa e ser ouvida como cidadã ...” [S., Brasil]

“...a integração é ter família, amigos, trabalho e ligações com o lugar. Eu não estou integrada porque estou cá só há seis meses.” [A., Roménia]

“É falar mais português que inglês, coisa que não faço porque a maioria dos meus amigos são estrangeiros.” [S., E.U.A.]

A maioria das mulheres entrevistadas consideraram estar integradas ou bem integradas e enfatizaram a importância que esse sentimento tinha nos vários domínios da sua vida pessoal. O factor família parece desempenhar um papel de relevo no sucesso da integração – muitas mulheres apontaram a proximidade da família e o sentimento de integração de outros membros da família como aspectos determinantes para o seu sentido de integração.

“Eu cheguei cá com a ideia de trabalhar, para sacar dinheiro para minha terra, acabei implicando-me. Casei com um europeu” [R. Brasil]

“Sinto-me bem integrada nos Açores pelo feito que a minha família está bem, e o meu filho está bem, ele está bem integrado”, [L., Espanha]

“Para mim a integração é o feito que eu vim cá para melhorar a minha vida, mas a minha vida continua como no Brasil. (...). Sim, eu vim cá por trabalho, tenho uma filha portuguesa, tenho uma filha açoriana, e continuo aqui, ...” [M., Brasil]

“A integração é uma coisa muito importante. Na altura foi uma coisa difícil o feito de não ter família mas foi rápido porque nós achamos o povo açoriano muito amigo” [A., Cabo-Verde]

Sentimento de acolhimento

Um número razoável de mulheres considerou ter sido bem acolhida (9), poucas referiram ter sido mal acolhidas (2) e a maioria manifestou alguma ambiguidade ou falta

de clareza relativamente a esse aspecto da história migratória. Não é possível identificar um padrão de resposta dominante e as explicações avançadas para as diferentes posições relatadas parecem estar nalguns casos mais associadas às características da pessoa e, noutros casos, mais ligadas a aspectos diversos do contexto em que ela se encontra.

“Considero-me bem acolhida nos Açores. Faço actividades de ócio do que gosto para conhecer as pessoas e fazer relações sociais; estar sozinha uma coisa muito difícil para mim” [L., Espanha]

“Fui bem acolhida porque os meus companheiros de turma, como verem que não era de cá, me ajudaram muito. Fiz muitas amizades no primeiro ano, pessoas que quiseram mostrar-me a ilha, aceitaram-me como se era de cá, quiseram-me ajudar.” [S., França]

Nalgumas posições marcadas pela ambiguidade foi possível detectar uma tensão decorrente do reconhecimento da predisposição para o acolhimento por parte de indivíduos e grupos da comunidade local e a incapacidade, por motivos culturais, ideológicos ou de outra ordem, de corresponder a esse acolhimento.

“Quando eu fazia as compras na minha freguesia as pessoas diziam “olá, olá”, porque em América ninguém conhece ninguém, e aqui foi parte de uma pequena comunidade. Uma senhora diz-me que gostava de mim, eu não tinha família e ela diz-me que ela podia ser parte da minha família. Mas é difícil porque as mulheres da minha freguesia são muito tradicionais, o marido é o chefe, e eles dois não têm vidas separadas, então para mim é difícil integrar-me numa sociedade onde elas são menos do que os homens. Só podes te relacionar com elas algumas vezes e normalmente quando estão também está o marido.” [S., EUA].

Sentimento de ser considerado estrangeiro

A maioria das mulheres entrevistadas referiu ter sentido ser tratadas como estrangeira e muitas delas ainda o sentem actualmente. Se para algumas essa situação não constituía qualquer problema e até era encarada como algo natural, noutros caso ‘ser vista com estrangeira’ era sinónimo de uma certa rejeição social e, por isso, uma situação difícil de enfrentar. Os motivos assinalados foram sobretudo as diferenças culturais, as diferenças linguísticas e o preconceito e estereótipos da sociedade local relativamente a indivíduos ou características de outras culturas ou nacionalidades. Os casos em que tal não se verificou parecem estar associados a uma maior proximidade cultural.



“Ah! Não, isso não. Sou estrangeira mesmo, sempre vou a ser estrangeira. Também não me sinto mal, porque eu gosto do Brasil, eu sou brasileira.” [R., Brasil]

“Eu vou a ser sempre um estrangeiro cá porque não posso perceber a cultura de cá. Uma senhora falou comigo e diz-me “as pessoas estão a falar de ti, porque depois que é morto o teu marido tens roupas de cores, e não podes fazer isto, precisas do preto”, e eu diz a ela “porque é que tenho que levar coisas que me fazem estar triste? Eu preciso os cores para ser mais alegres” [S., EUA]

“Só me sinto estrangeira pelo idioma.” [L., Espanha]

“Já, quando chegue cá as pessoas diziam “olha a francesa passar”, aquelas piadas sobre franceses, volta pela tua terra, mas agora não, agora já estou bem integrada, já falo como o pessoal de cá e tudo.” [S., França]

Respeito pela cultura de origem

A percepção de muitas das mulheres entrevistadas relativamente ao respeito manifestado pelas pessoas da comunidade local à sua cultura de origem parece estar particularmente associada a duas condições específicas:

a) as características das pessoas com quem se estabelece relações na comunidade de acolhimento,

“Acho que a minha cultura de origem é respeitada como em todos os outros sítos. Isto depende da vida que tu fazes e também das pessoas com que estás a relacionar.” [L., Espanha].

e b) o modo como a própria mulher é acolhida, aceite ou tratada na comunidade local

“Aqui não. Aqui nós somos explorados pelos portugueses. Nós tivemos problemas na empresa que nós trabalhávamos.” [R., Brasil].

Algumas mulheres reconheceram existir não só respeito mas também um grande apreço pela sua cultura. Todavia, a maioria manifestou ser difícil ou impossível respeitar algo que não se conhece, sendo essa a situação dominante dos açorianos relativamente à sua cultura.

“Acho que a muita gente não conhece a minha cultura aqui, porque é uma coisa muito específica. Eu já te diz que é uma minoria húngara que mora dentro de Roménia é uma situação muito específica. Mas geralmente não conhecem muitas coisas do meu país de Roménia e de Transilvânia e de Hungria. Acho que não, que não sabem muitas coisas.” [Imola, Roménia].

Conclusão

Os resultados alcançados até ao momento na presente investigação, apesar do seu carácter exploratório, baseados nas percepções de um grupo de mulheres imigrantes relativamente às vertentes linguística e cultural da sua realidade migratória, evidenciam um conjunto alargado de posições relativas à integração no país de acolhimento. Enquanto para umas esse processo é globalmente percepcionado como sendo positivo, para muitas é marcado pela dificuldade em enfrentar as novas exigências.

A língua, enquanto meio de comunicação primordial, é entendida como um veículo fundamental para o estabelecimento de laços sociais e para a obtenção de trabalho, ou de um trabalho mais qualificado e em sintonia com as competências pessoais. Estas questões de acessibilidade são centrais em qualquer processo de integração e assumem particular relevância quando o indivíduo, sozinho, tem de garantir a sua subsistência e a de familiares dependentes. Embora muitas mulheres ainda iniciem um processo migratório para acompanhar o cônjuge, está a aumentar a proporção daquelas que partem sozinhas para um projecto de vida com objectivos de valorização pessoal, que não passa necessariamente, ou exclusivamente, pelo estabelecimento de relações conjugais (Assis, 2007). Parece pois relevante entender melhor a vertente comunicacional dos processos migratórios, desde os aspectos linguísticos mais particulares, passando pela comunicação não verbal, até à dimensão mais institucional ou dos recursos e serviços de apoio disponibilizados a cidadãos oriundos de outros países.

Por seu turno, a cultura do país de origem, a cultura do país de acolhimento e, principalmente, o encontro (ou desencontro) de ambas colocam exigências que, podendo constituir uma oportunidade de desenvolvimento pessoal, por surgirem num quadro de múltiplas e novas imposições, são frequentemente percepcionados como um constrangimento ou mesmo um obstáculo à integração no novo país de residência.

Assim, interessa também alargar o conhecimento relativamente ao modo como as mulheres percepcionam a nova cultura e a nova realidade social bem como a sua capacidade para nela se integrarem com sucesso.

Palavras-chave: mulheres imigrantes, imigração feminina, imigração Açores

Referências bibliográficas

- Assis, G. O. (1995). *Estar aqui... estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. Dissertação de Mestrado (Antropologia Social). UFSC, Florianópolis, SC.
- Assis, G. O. (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista de Estudos Feministas*, 15(3), 745-772.
- CES-UA (Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores) (2003). *Imigrantes nos Açores*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Donadio, R., & Schwartz, N. (2009). As Jobs Die, Europe's Migrants Head Home. NY: New York Times (25.Abril.2009).
- González-González, J.M^a, & Zarco, V. (2008). Immigration and Femininity in Southern Europe: A Gender-Based Psychosocial Analysis. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 18, 440-457.
- Machado, F.L. & Matias, A.R. (2006). *Bibliografia sobre Imigração e Minorias Étnicas em Portugal 2000-2006*. Lisboa: Fórum Gulbenkian Imigração. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Manço, Altay (2006). *Processus identitaires et intégration*. Paris: L'Harmattan.
- Margolis, M. L. (1994). *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. New Jersey: Princeton University Press.
- Mendes, P. (2007). *Ponte Insular Atlântica. A comunidade Cabo-verdiana nos Açores*. Ponta Delgada: Macaronésia.
- Pires, A. C. (2003). *Ser imigrante em terra de emigrantes: As representações dos imigrantes face às estratégias de acolhimento e integração da sociedade receptora*. Tese de Mestrado, U. Aberta, Lisboa.
- Rocha, G. et al (2004). *Imigrantes nos Açores. Relatório* - Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores
- Sales, T. (1999). "Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston". In R. Reis, & T. Sales, (Org.) (pp. 17-44). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo.
- Sanches, A. (2005). "Mulheres Imigrantes: Mulheres imigrantes são mais sujeitas à exploração dos empregadores". *Público*, 2,11,2005.